# A MEMÓRIA AMERÍNDIA COMO ATO DE RESISTÊNCIA: PERMANÊNCIAS INDÍGENAS NO CATECISMO KIRIRI (1698)

**Maria Cleidiana Oliveira de Almeida**
Instituto Federal da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil.
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-6731-6195
Endereço eletrônico: cleidinha.prof@yahoo.com.br

**Camila Nunes Duarte Silveira**
Instituto Federal Baiano, Itapetinga, Bahia Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-5273-6149
Endereço eletrônico: camila.silveira@ifbaiano.edu.br

**Palavras-chave:** Catecismo Kiriri; Educação; Catequese colonial; Memória; Resistência.

## INTRODUÇÃO

Embora a Igreja Católica tenha exercido um papel fundamental no processo de colonização que se desenvolveu no Brasil durante os séculos XVI, XVII e XVIII, sendo uma das grandes responsáveis pela formação religiosa e intelectual dos súditos da Coroa portuguesa, sabemos que sua atuação foi marcada por contradições entre os princípios religiosos que defendia e as práticas que adotava, muitas delas associadas à manutenção das estruturas de poder, que podem ser visualizadas principalmente pelas disparidades sociais, pela escravidão e pela exclusão de grande parte da população aos privilégios econômicos, políticos, sociais e intelectuais, como ocorreu no processo de colonização das Américas. Partindo das contribuições da Nova História Indígena, este estudo tem por objetivo analisar de que maneira o *Catecismo da Doutrina Christãa na Lingua Brasilica da Nação Kiriri* (1698), elaborado pelo jesuíta Luiz Vincêncio Mamiani, preservou elementos da memória ameríndia Kiriri, evidenciando que, apesar das imposições coloniais e da ação catequética da Companhia de Jesus, os indígenas conseguiram inscrever aspectos de seus costumes, crenças, práticas cotidianas e de sua língua em um documento produzido no contexto da evangelização. Nesse sentido, compreendemos tais permanências como formas de resistência cultural diante do

processo colonizador.

## METODOLOGIA

O presente estudo, situado no campo da História da Educação, fundamentou-se em pesquisa bibliográfica e documental. Inicialmente, realizou-se uma revisão da literatura referente à catequese jesuítica, à memória e à Nova História Indígena. Em seguida, procedeu-se à análise documental do *Catecismo da Doutrina Christãa na Lingua Brasilica da Nação Kiriri* (1698), elaborado por Luiz Vincêncio Mamiani, considerado a principal fonte da investigação. Partindo da compreensão de que os documentos históricos são atravessados por intencionalidades e relações de poder, buscou-se examiná-los criticamente, considerando as circunstâncias de sua produção e os interesses envolvidos em sua elaboração. Buscou-se identificar, no interior de um instrumento destinado à catequese, os registros de costumes, crenças, práticas cotidianas e elementos linguísticos dos Kiriri, compreendidos como vestígios da memória ameríndia e evidências da permanência de referências culturais indígenas ao longo do tempo.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

As dificuldades de evangelizar povos culturalmente diversos levaram os jesuítas a elaborar catecismos em língua brasílica, alguns deles específicos para determinadas etnias. Luiz Vincêncio Mamiani[1], missionário e linguista italiano, foi o responsável pela elaboração de um desses catecismos, o *Catecismo da doutrina Christãa Na Lingua Brasilica da Nação Kiri*iri (1698). A obra por ele elaborada constitui uma importante memória da pedagogia cristã e permite analisar o modelo de catequese adotado pelos jesuítas no século XVII, especialmente na Missão de Geru, bem como conhecer aspectos da sociedade Kiriri, profundamente transformada após a secularização das missões, na segunda metade do século XVIII. Mais do que um compêndio doutrinário, o catecismo constitui um importante instrumento memorialístico da catequese jesuítica e do cotidiano indígena.

A experiência missionária mostrou, em várias ocasiões, que o trabalho da catequização não seria fácil, posto que as diferenças culturais entre os indígenas e os missionários europeus eram bem maiores do que se havia imaginado. Os jesuítas começaram, então, a fazer uma imersão na cultura ameríndia para, a partir dos elementos encontrados,

[1] Luiz Vincêncio Mamiani (1652-1730), jesuíta italiano radicado no Brasil, atuou na Missão do Geru e foi autor do *Catecismo da Doutrina Christãa na Lingua Brasilica da Nação Kiriri* (1698) e da *Arte de Grammatica da Lingua Brasilica da Naçam Kiriri* (1699) (Leite, 2004). (LEITE, 2004).

estabelecer as bases de uma doutrinação eficaz (Alves Filho, 2007). Acreditava-se que, a partir da cultura indígena, os dogmas cristãos poderiam se alicerçar, já que no novo universo missionário eles encontraram poucos parâmetros adequados para se apoiar. Para Pompa (2001), a aceitação de alguns costumes indígenas, que não fossem ofensa aberta a Deus, tornou-se uma estratégia corriqueira para manter os nativos em sujeição e proceder à prática da catequese. Seria, segundo a autora, a tolerância das violações, na qual se mudava o universo indígena, mas preservavam-se alguns dos seus hábitos.

Ao analisar o catecismo fica evidente que não foi só a língua que ficou inscrita na obra de Mamiani, palavras e costumes nativos, também, ficaram registrados nas páginas do *Catecismo Kiriri,* guardando informações importantes sobre o cotidiano, as crenças e os costumes dos indígenas, ou seja, preservando uma memória. Para Mecenas Santos (2011), a partir das proibições aos costumes locais e legitimação dos saberes da Madre Igreja, o jesuíta nos proporciona conhecer um pouco do cotidiano da aldeia. Em alguns trechos do catecismo, Mamiani condena práticas consideradas "abusões"[2], como curar os doentes por meio de cantigas e assopros ou utilizar rituais para afastar enfermidades e espíritos malignos (Mamiani, 1942).

Ao criticar essas práticas indígenas, o jesuíta provavelmente não imaginava que, ao registrar hábitos e costumes dos Kiriri nas páginas do catecismo, acabaria por preservar vestígios da memória étnica desse povo. Por intermédio de sua obra, parte da memória oral indígena dos Kiriri, compreendida como memória étnica[3], foi fixada em um suporte escrito, o próprio catecismo, permitindo a permanência de saberes e referências culturais que sobreviveram ao processo de colonização. A memória indígena também pode ser vislumbrada no catálogo, em ordem alfabética, com os vocábulos na língua kiriri, que o jesuíta apresenta com o propósito de instruir o pároco para que este pudesse distinguir os graus de parentesco e fazer os necessários impedimentos matrimoniais, quando julgasse a inconveniência da realização do enlace. Nessa parte do catecismo fica registrada uma memória minuciosa: Bŷké. Irmãa, ou prima mais moca. Byrae. Irmão, ou primo mais moço. Advirta-se q aos primos, quando querem declarar a diferença dos irmaõs, chamaõ, Ibyrae mani, Deyentá. Madrasta. Dzacá. Sogro, & sogra [...]" (Mamiani, 1942, p. 209-210).

[2] Abusões eram como chamavam as superstições, muitas vezes consideradas feitiçarias a partir da visão cristã europeia.

[3] Esse conceito de memória étnica é de Leroi-Gourhan, utilizado por Le Goff em sua obra *História e Memória* (2012).

Também, ao apresentar o terceiro mandamento da Lei de Deus, que seria guardar os domingos e as festas, o jesuíta arrola algumas práticas dos indígenas Kiriri, registrando nas páginas do catecismo a memória do cotidiano da aldeia:

> M. Qual he o terceiro mandamento da Ley de Deos? D. Guardarás os Domingos, & as festas. M. Que havemos de fazer para guardar este preceito? D. No Domingo, & dia Santo não se trabalha na roça; não se levanta, nem cobre a casa; não se cortão paos no mato; não se coze; não se fia; em fim se deixa todo o trabalho. No Domingo, & dia Santo o que havemos de fazer he ouvir a Missa, rezar; & ouvir a pregação do Padre (Mamiani, 1942, p. 8788).

> Ou, mesmo, quando apresenta as principais festas religiosas realizadas na Aldeia de Geru, as quais, embora fossem festas cristãs, nos dão uma ideia dos dias festivos da missão jesuítica entre os Kiriri:" [...] o primeiro dia das festas do Nascimento do Senhor, da Resurreição, & de Pentecoste: a festa da Circuncisaõ, da Epiphania, da Ascensão, & de Corpus Christi [...]" (Mamiani, 1942, p. 89).

Para Mecenas Santos (2011), ao destacar essas datas festivas, o jesuíta nos fornece uma ideia do calendário festivo da aldeia. Ou seja, a partir da visão do outro, no caso, do missionário Mamiani, é possível evocar práticas do cotidiano ameríndio Kiriri e da catequese realizada na Missão de Geru. Muito embora essa rememoração, relacionada especialmente aos nativos, possa ser lacunosa, pois ao registrar as práticas indígenas, o missionário já impunha o seu juízo de valor. Isso implica a necessidade de se fazer historicidade do tempo passado sem intenção de resgatá-lo, uma vez que só conseguimos a recuperação lacunar de uma parte da sociedade, impregnada da mentalidade cristã europeia, e nunca um pensar homogêneo e totalmente fidedigno.

## CONCLUSÕES

Os estudos realizados evidenciam que os indígenas mantiveram uma presença ativa no processo missionário, não tendo suas vozes totalmente suplantadas pelo discurso do colonizador. Seus conhecimentos, hábitos e costumes se fazem presentes nas adaptações realizadas pelos jesuítas e nos registros contidos no Catecismo Kiriri. Os vocábulos da língua Kiriri, as práticas condenadas pelos missionários, os graus de parentesco e o calendário festivo da aldeia revelam que esse instrumento de evangelização converteu-se também em um importante repositório da memória ameríndia. Assim, como afirma Andrea Daher (2012), as falas dos indígenas permanecem presentes em suas páginas, mesmo na ausência de suas

vozes.

**REFERÊNCIAS**

ALVES FILHO, Paulo Edson. **Tradução e sincretismo na obra de José de Anchieta**. 2007. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, 2007.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2012.

LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Rio de Janeiro: Portugália, 2004. Tomos I, II, III e VIII.

LUSTOSA, Oscar F. **Catequese católica no Brasil:** para uma história evangelizadora. São Paulo: Paulinas, 1992.

MAMIANI, Luiz Vincencio. **Arte da Grammatica da Lingua Brasilica da naçam Kiriri.** 2. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1877 [1699].

MAMIANI, Luiz Vincencio. **Catecismo da Doutrina Christãa na Lingua Brasilica da Nação Kiriri.** Lisboa: 1942 [1698]. (Edição fac-similar, Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional).

MECENAS SANTOS, Ane Luíse Silva. **Conquistas da fé na gentilidade brasílica:** a catequese jesuítica na aldeia do Geru (1683- 1758). Dissertação (Mestrado em História do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes) - Universidade Federal da Paraíba, 2011.

POMPA, Maria Cristina. **Religião como tradução:** missionários, Tupi e ―Tapuia‖ no Brasil colonial. 2001. 453f. Tese (Doutorado) – UNICAMP, Campinas, 2001.